



**OBESIDADE E BULLYING: UMA ANÁLISE A PARTIR DO CONTEXTO DAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Keyte dos Santos Matos¹
Fábio Zoboli²

RESUMO

Neste início de século XXI os estigmas que emergem a partir da aparência corporal parecem estar cada vez mais mediados a partir de relações de poder na medida em que adquirem valor simbólico dentro de um determinado contexto. Estas relações de poder se manifestam das mais diferentes formas desencadeando em situações de violência física e simbólica no convívio com o diferente – o bullying. Neste sentido, o presente artigo pretende analisar como se manifesta o processo de bullying na vida dos alunos considerados obesos por seus agressores dentro do contexto da Educação Física escolar. O texto é fruto de um estudo monográfico do curso de Educação Física da UFS realizado a partir de uma pesquisa qualitativa que analisou o objeto sob o viés de um estudo de caso de uma Escola Pública Municipal de Aracaju/SE. Os resultados indicaram que, para combater a violência manifestada através do bullying nas aulas de Educação Física e no contexto escolar, faz-se necessária uma interação conjunta de convivência entre os alunos, funcionários, pais, professores e dirigentes mediada por uma sensibilização que favoreça a cultura do acolhimento e o respeito no convívio com o diferente.

Palavras-Chave: *Obesidade; bullying; Educação Física.*

**OBESITY AND BULLYING: AN ANALYSIS FROM THE CONTEXT OF SCHOOL
PHYSICAL EDUCATION CLASSES**

ABSTRACT

In the beginning of this century the stigmas that emerge from the body appearance seem to be increasingly mediated by power relationships as they acquire symbolic value within a given context. These power relationships are manifested in many different ways, unleashing physical and symbolic violence situations when in contact with differences – meaning, bullying. In this sense, this article aims to analyze how bullying manifests in the students' lives in the context of the Physical Education classes in school. This text is a result of a monographic study of the Physical Education undergraduate course of the Federal University of Sergipe done from a qualitative study that analyzed the object of this research under the bias of a case study in a public school in the city of Aracaju – Sergipe. The results indicated

¹ Estudante do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFS. Integrante do LaboMídia/UFS e Grupo de Pesquisa do CEMEFEL “Corpo, Cultura e Educação Física” Contato: <keytematos@yahoo.com.br>

² Doutor em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor do Departamento de Educação Física da Universidade federal de Sergipe – UFS. Membro do grupo de pesquisa CEMEFEL-SE zobolito@gmail.com



that, to combat the violence manifested through bullying in the Physical Education classes and in the school context, a combined connivance interaction between students, staff, parents, teachers and principals mediated by an awareness that fosters the acceptance and respect in contact with the difference is necessary.

Keywords: *Obesity; Bullying; Physical Education.*

OBESIDAD Y BULLYING: UN ANÁLISIS A PARTIR DEL CONTEXTO EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR

RESUMEN

En este inicio de siglo XXI los estigmas que emergen a partir de la apariencia corporal parecen estar cada vez más mediados a partir de las relaciones de poder en la medida que adquieren valor simbólico dentro de un determinado contexto. Estas relaciones de poder se manifiestan de las más diferentes formas desencadenando situaciones de violencia física y simbólica en la convivencia con lo diferentes, el bullying. En este sentido, el presente artículo pretende analizar como se manifiesta el proceso de bullying en la vida de los alumnos considerados obesos por sus agresores dentro del contexto de la Educación Física escolar. El texto es fruto de un estudio monográfico del curso de Educación Física da UFS realizado a partir de una investigación cualitativa que analizó el objeto sobre el bias de un estudio de caso de una Escuela Pública Municipal de Aracajú/SE. Los resultados indicaron que, para combatir la violencia manifestada a través del bullying en las clases de Educación Física y en el contexto escolar, se hace necesaria una intervención conjunta de convivencia entre los alumnos, funcionarios, padres, profesores y dirigentes, mediada por una sensibilización que favorezca la cultura del acogimiento y respeto en la convivencia con lo diferente.

Palabras-Clave: *Obesidad; Bullying; Educación Física.*

O CORPO E O BULLYING: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O sentir, o pensar e o agir caracterizam a existência e a vida humana. Essa tríade, no entanto, não se dá de modo fragmentado e linear, mas sim, através de uma rede complexa de interações que se dão na dimensão corporal humana. Pelo corpo eu percebo, pelo corpo eu analiso e por meio dele eu coexisto no mundo.

Nosso ser e estar no mundo enquanto corpo é permeado por uma infinita teia de signos e linguagens. Ao mesmo tempo em que nos apropriamos desta teia, nós também a construímos. Esse jogo tensivo de apropriação e construção é mediado pela ação da cultura, logo podemos afirmar que é através do corpo que o humano se apropria da cultura.

A estrutura biológica do homem possibilita-lhe sentir, pensar e agir, mas o seu estar e interagir com o mundo (cultura) dá os sentidos e significados de seus sentimentos, pensamentos e ações,



(re)criando e (re)construindo novos universos e novas anatomias. Apropriar-se de uma cultura é assim apreender uma significação através do corpo – na interação de toda sua complexidade na unidade.

Neste sentido, quando analisamos o corpo na sua relação com a cultura é importante perceber que os padrões de beleza e os padrões de normalidade e diferença são signos construídos. É em nome dos signos que regem o padrão de corpo ideal dentro de uma cultura que os indivíduos pautam sua postura ascética em relação a seu próprio corpo. É também em nome desse cuidado de si que o indivíduo busca a sua inserção na vida social. O aceitar o outro evoca nossa própria aceitação para conosco.

A ascese é aqui compreendida como um conjunto ordenado de exercícios disponíveis, recomendados e utilizados pelos indivíduos dentro de um sistema simbólico que tem como fim atingir um objetivo específico. Por assumir uma condição simbólica, a ascese possui uma dimensão política e moral.

Neste início de século XXI, o padrão estético de corpo caracteriza-se pelo biotipo longilíneo e magro, onde “um quilinho a mais” faz muita diferença e onde para se delinear um grupo muscular não são poupados esforços.

Neste sentido, Ortega in Rago *et al* (2005) menciona que na nossa cultura somática a aparência virou essência, hoje sou o que aparento e estou, portanto, exposto ao olhar do outro, sem lugar pra me esconder, me refugiar, estou totalmente a mercê do outro, já que o que existe está a mostra, sou vulnerável ao olhar do outro, mas ao mesmo tempo preciso de seu olhar, de ser percebido, senão não existo.

O fenômeno *bullying*³ pode ser visto como a materialização da interdição do corpo mediada por signos culturais que pautam o desrespeito à diferença. O *bullying* abrange todas as manifestações de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, sendo caracterizada por uma maneira insistente e perturbadora de ação, que ocorrem de forma velada sem motivação aparente e evidente, sendo adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), dentro de uma relação desigual de poder (seja ele físico, econômico ou social). Este tipo de violência se manifesta, sutilmente, sob a forma de brincadeiras destrutivas, apelidos, trotes, gozações e agressões físicas (BOTELHO e SOUZA, 2007; CIDADE, 2008; LISBOA *et. al.*, 2009).

A problemática do *bullying* não configura somente violências físicas e verbais. Por ocorrer constantemente, de modo insistente e sem dar às vítimas condições para se defender, muitos dos que sofrem esse tipo de violência acabam desenvolvendo problemas psíquicos decorrentes da pressão psicológica imposta pelos agressores. Problemas estes que em muitas vezes se tornam irreversíveis, que podem levar a vítima a cometer atitudes extremas como o suicídio. O primeiro sinal pode ser o isolamento, partindo para a falta de motivação para viver, na qual vai se delineando a depressão, podendo haver consumo de drogas e por fim manifestações agressivas em forma de protesto seguidas do suicídio.

Sob este viés esta pesquisa buscou esclarecer alguns conceitos e características com relação ao *bullying*, que prejudicam o desenvolvimento do homem enquanto ser social, principalmente no que se diz respeito ao autoconceito vivido pelos obesos que sofrem esse tipo de violência no ambiente escolar no contexto das aulas de Educação Física.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

³ De acordo com Lisboa (2009), esse termo não possui tradução literal para o português. Mas, *bully* é o termo em inglês para “valentão” e *bullying* pode ser traduzido por “intimidação”, o que reduz a complexidade do fenômeno a somente uma das suas múltiplas formas de manifestação.



Este trabalho é fruto de uma monografia de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe – UFS realizada no ano de 2010. Tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa que analisou o objeto sob o viés de um estudo de caso efetivado na Escola de Educação Municipal de Ensino Fundamental Oviêdo Teixeira na cidade de Aracaju/SE.

A população-amostra que se pretendeu atingir acerca da pesquisa foram os estudantes obesos, advindos do colégio supracitado que sofrem ou sofreram *bullying* no contexto das aulas de Educação Física. A seleção destes sujeitos foi feita por um questionário inicial com crianças consideradas obesas naquela escola.

Os dados foram coletados a partir dos seguintes instrumentos: observação direta e 04 (quatro) questionários aplicados na forma de entrevista com questões fechadas e abertas. O primeiro foi aplicado junto aos alunos obesos da escola para identificar a presença do *bullying*. O segundo questionário foi feito com os 6 sujeitos que mencionaram sofrer *bullying* pelos seus colegas na escola no âmbito da educação física. O terceiro questionário foi feito com os professores de EF que trabalham na escola com os alunos em questão. O quarto e último questionário foi realizado com os pais destes alunos.

BULLYING E OBESIDADE: AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO FOCO DE ANÁLISE

O *bullying* pode afetar o interesse das vítimas pelos estudos. Isso porque, as agressões afetam diretamente na motivação da vítima, acabando por desestimular sua atuação escolar. Dois alunos responderam na entrevista que já tiveram ou têm vontade de mudar de escola para ficar livre das agressões sofridas constantemente. Nesse sentido, a pessoa acaba associando o ambiente onde ocorrem as agressões – a escola – como sendo um lugar ruim. Isso explica o fato da evasão escolar ocasionada por esse fenômeno.

Um dos efeitos negativos notado nos dados obtidos é a exclusão. Em resposta a uma pergunta associada à exclusão, dois alunos obesos relataram ser excluídos constantemente das atividades físicas pelos seus colegas de classe. Quando perguntamos a justificativa do fato, eles alegaram que não sabiam exatamente o “por que”, mas, percebiam que os outros se afastavam deles no espaço utilizado para a realização das aulas de Educação Física. Um dos alunos chegou a afirmar que quando havia formação de times ou equipes, ele era o último a ser escolhido pelos colegas.

Outro menino citou na entrevista que só foi aceito no time de futebol para ser goleiro. Neste sentido, percebe-se mais uma vez que os corpos que se desviam dos padrões de uma normalidade utilitária não interessam, igual ao que ocorre na ideologia de mercado. Trabalhando estes valores na cultura da Educação Física se sustenta a manutenção do modelo elitista de corpo.

O fato de ser considerado “gordo” pelos demais constrói a imagem perante a turma de que ele é lento e prejudicial nas atividades competitivas para qualquer equipe que participe. Daí surge o papel do professor, que deve orientar não somente a vítima, mas também os agressores e principalmente as testemunhas, orientando-as a denunciar e a não apoiar as agressões. Todavia, em entrevista, um aluno relatou que denunciou as agressões ao professor, mas não percebeu nenhuma tentativa por parte do docente em educar ou punir os agressores, ou seja, nenhuma atitude foi tomada. O resultado por buscar apoio e não obter nenhum efeito pode ser a omissão das agressões, como uma aluna do quarto ano do ensino fundamental narrou:



Eu contei para a minha mãe, ela foi conversar com o meu diretor e ele disse a minha mãe que se as meninas mexessem comigo novamente era para eu denunciar a ele, para ele tomar providências. As meninas ainda mexem comigo, mas eu não falo ao diretor porque eu acho que ele não tem tempo para essas coisas.

Os professores de Educação Física que foram entrevistados afirmaram que não se omitem quando há agressões entre os seus alunos. Buscar conversar sobre as diferenças, explorar as habilidades específicas, compensar as deficiências individuais, encerrar a atividade, ou, retirar o agressor da aula são exemplos de algumas atitudes citadas por esses professores para educar e buscar o condicionamento do aluno a respeitar o outro.

A vergonha de participar ativamente das aulas com receio de errar e ser motivo de gozações também pode ser considerado um aspecto negativo, já que afeta diretamente no rendimento escolar do aluno. Muitas das coisas que o “gordinho” faz de errado é resultado de sua condição física, não há como escapar. Situações como essa, limita-o de fazer questionamentos, tirar dúvidas e expor a sua opinião acerca do conteúdo que está sendo ensinado. Uma aluna afirmou sentir vergonha de tirar dúvidas, com receio de falar alguma palavra errada e os seus agressores começarem a ridicularizá-la.

O isolamento é prejudicial na formação do adolescente, tanto no meio social quanto em situações que os alunos precisam se reunir em grupos para efetivar tarefas escolares. Com isso, a vítima sente dificuldades em encontrar um grupo em que seja aceito. No desenvolver do trabalho, prefere não expor o seu modo de pensar, assim, não traz contribuições para a atividade e nem para si próprio (quando não discute com seus colegas o que sabe sobre o tema, aprimorando seu saber). Ainda assim, se sentem receosos em tomar a iniciativa de decisões acerca do trabalho. Pode-se concluir que a vítima está, na maioria dos casos, buscando o isolamento como modo de ter menos “motivos” para gozações ou até mesmo procurando “passar por despercebidas” pelos demais. Ao questionarmos às vítimas qual a preferência deles com relação à quantidade de pessoas nos lugares que frequentam, uma aluna do terceiro ano respondeu:

Prefiro lugares com muitas pessoas porque eu me sinto mais à vontade com muitas pessoas. Quando tem muita gente aí eu me escondo às vezes dos meninos da minha sala porque eles gostam de ‘tá’ dizendo ‘ói a gorda’ [...] Qualquer lugar que seja eles fazem isso.

Diante desses problemas apresentados na pesquisa, esse tipo de “brincadeira” não deve ser encarado pelos funcionários do colégio e até mesmo dos pais dos alunos envolvidos como algo comum e corriqueiro do ambiente escolar. Deve-se ter a consciência de que um psicólogo ou um profissional da saúde não precisa ser solicitado se o fenômeno for evitado ao máximo.

É possível abordar algumas medidas de diagnóstico, prevenção, combate e tratamento do *bullying*. O trecho a seguir resume precisamente essas medidas:

Perceber e monitorar as habilidades ou possíveis dificuldades que possam ter os jovens em seu convívio social com os colegas passa a ser atitude obrigatória daqueles que assumiram a responsabilidade pela educação, saúde e segurança de seus alunos, pacientes e filhos (LOPES NETO, 2005, s/p.).



Os pais podem fazer o diagnóstico observando o comportamento dos seus filhos em casa. Cidade (2008) atenta que os filhos podem estar sendo vítimas de *bullying* se demonstrarem falta de vontade ou medo de ir à escola, pedir para trocar de colégio, cair o rendimento nas aulas, voltar da escola constantemente com roupas ou livros rasgados, tornar-se fechado e viver isolado, angustiado ou deprimido, “perder” com frequência dinheiro e bens, e sofrer de baixa auto-estima ou ter muitos pesadelos.

O tratamento pode ser feito com acompanhamento individual de um profissional da saúde juntamente com o apoio dos pais. A escola pode disponibilizar vivências envolvendo a comunidade e os pais dos alunos com o foco em trabalhos que podem debater e evitar a banalização de valores importantes para a convivência pacífica em sociedade (LISBOA et. al., 2009).

A escola deve adotar medidas de combate a esse tipo de violência e desconsiderar o fato de esse processo ser algo corriqueiro. Ajudar as famílias a entender o *bullying* escolar já é um bom começo. Mas é necessário que os pais também busquem e exijam a ajuda dos dirigentes da escola que seus filhos frequentam (Op. cit.). A capacitação dos funcionários e professores para lidar com esse fenômeno também pode ser viável, disponibilizando uma orientação a esses adultos para que eles possam constituir um diálogo aberto e sincero com os alunos. Assim, é possível buscar as particularidades de cada caso e agir no grau zero do problema, buscando passar aos envolvidos a informação de que impasses devem ser resolvidos sem a utilização da violência ou o menosprezo dos mais fracos (CALHAU, 2008).

Como medida de prevenção, a escola pode utilizar-se de técnicas de intervenção, buscando a cooperação de outras instituições – centros de saúde, conselhos tutelares e redes de apoio social (LOPES NETO, 2005). A escola pode produzir seu próprio sistema de prevenção ao *bullying*, quanto mais cedo se introduz valores morais e éticos que não dá espaço ao contágio e desenvolvimento do fenômeno, melhores serão os resultados. Assim, fiscalizar e controlar os alunos focalizando o possível surgimento desse abuso, oportunizar a participação dos pais na educação escolar dos filhos e preparar seus profissionais é tarefa inevitável da escola (CIDADE, 2008).

A discriminação frente ao aluno obeso é muito forte em muitas escolas. Certa vez presenciei na escola pesquisada uma cena na sala dos professores durante o café. Uma garota de 08 anos veio chorando até o diretor, quando o mesmo perguntou o motivo de seu choro ela respondeu que algumas crianças estavam rindo e debochando dela por ela ser gorda. Para Bourdieu (2003) a probabilidade de vivenciar com desagrado o próprio corpo (forma característica do corpo alienado), o mal estar, a timidez ou a vergonha são tantos mais fortes quanto maior a desproporção entre o corpo exigido e a relação prática com o próprio corpo imposta pelos olhares e reações dos outros.

Sob esta ótica, a obesidade, bem como todos os estigmas relacionados ao corpo, podem ser vistos como aspectos que estruturam relações de poder na medida em que atribuem valores às diferenças, dimensionando-as simbolicamente como inferior ou superior. Foucault (2000) menciona que o corpo passa assim a ser dominado por inúmeros signos que exercem sobre ele relações de poder na medida em que precisa ser formado, corrigido e receber certo número de qualidades.

O fato é que uma vez construída as relações de poder a partir dos signos de representação corporal – dentro de um determinado grupo ou cultura – eles fixam uma categorização social sob a qual se dá o jogo da (in)exclusão.

A compreensão dos signos corporais e dos modos como são construídos e demarcados nos ajudam a evitar qualquer tipo de preconceito. O olhar o outro a partir desse exercício reconfigura as relações de



poder que se estabelecem a partir dos estigmas corporais. O corpo deixa de ser inferior ou superior, melhor ou pior. Ele passa a assumir uma dimensão onde é visto e interpretado de acordo com sua história particular/individual e coletivo/cultural.

Este é um convite a uma pedagogia da diferença, pedagogia esta que segundo Trindade in Garcia (2002, p.87):

Reconhece em cada ser humano, em cada corpo humano, a singular diferença que não se repete no universo, logo reconhece a preciosidade de cada um e, por conhecer, acolhe, e por acolher, valoriza e, porque valoriza, compromete-se e, ao comprometer-se, afirma essa singular existência humana, esse corpo singular como potencialidade, infinita potencialidade. E porque comprometido, valoriza e porque valoriza, acolhe, e porque acolhe viabiliza, afirma, promove, respeita, encanta-se e encontra-se, misturam-se em afetos, sonhos, produções e ações coletivas a favor da vida, em sua multiplicidade e infinitas possibilidades que se metamorfoseiam e se transformam a cada instante.

É importante no ambiente escolar discutir e aprofundar estas questões com o intuito de criar condições de reflexão, interpretação e decodificação dos estigmas criados na sociedade com relação ao corpo do diferente. É preciso realizar um trabalho que dê base teórica e prática, com o objetivo de gerar valores que radicalizem em favor da vida, e engajamento responsável e crítico na luta pela (re)significação de corpos ameaçados pela barbárie.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos mostrar um pouco da realidade vivida por alguns alunos do Ensino Fundamental, que por serem considerados “gordos”, acabam sofrendo humilhações e exclusão por parte de alguns estudantes da escola em que frequentam. Essas vítimas são obrigadas a agüentar o estigma no ambiente escolar, no qual, normalmente é o lugar onde elas têm mais acesso a pessoas da sua idade. Entretanto, essas ações acabam levando a vítima ao isolamento e/ou até mesmo ao abandono da escola.

Entretanto, o trabalho de prevenção, diagnóstico ou até mesmo de combate não adianta ser feito pela metade, ou seja, todos os funcionários devem ser preparados a tomarem decisões em prol da diminuição da violência, seja ela física ou simbólica, no meio escolar. Não queremos insinuar ou afirmar que existe uma receita pronta para aplicar na escola com a finalidade de extinguir o *bullying* entre os alunos. Todavia, somos partidários da opinião de que desprezar o fenômeno ou até mesmo “fingir” que ele não está acontecendo é deixar que a violência escolar e o preconceito cresçam ainda mais no ambiente escolar e, posteriormente, na vida social e profissional destas pessoas.

Por acreditar que o ser humano, embora sofra a ação de seu meio, não é submisso a ele pois pode transformar a realidade sendo agente de sua própria história, este texto pretendeu apresentar algumas reflexões a fim de tornar mais respeitoso o convívio frente os diferentes corpos no ambiente escolar rumo a uma cultura pautada no acolhimento.

REFERÊNCIAS



BOTELHO, R. G.; SOUZA, J. M. C. Bullying e educação física na escola: características, casos, conseqüências e estratégias de intervenção. **Revista de educação física**, n. 139, p. 58-70, dezembro de 2007. Disponível em: <<http://www.revistadeeducacaofisica.com.br>>. Acesso em: 30 de setembro de 2009.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CALHAU, L. B. **Bullying**: implicações criminológicas, abril de 2009. Disponível em: <<http://www.jefersonbotelho.com.br/2009/04/26/bullying-implicacoes-criminologicas/>> Acesso em: 31 de outubro de 2009.

_____. **Bullying**: precisamos agir, setembro de 2008. Disponível em: <<http://www.lfg.com.br>>. Acesso em: 31 de outubro de 2009.

CIDADE, A. P. S. **Bullying escolar – uma realidade ainda desconhecida**. Brasília: UDF. Trabalho de Conclusão de Curso, 2008.

LISBOA, C.; et al. O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestações e possibilidades de intervenção. **Revista contextos clínicos**, São Leopoldo/RS, v. 2, n. 1, p. 59-71, janeiro a junho de 2009.

LOPES NETO, A. A. *Bullying*– comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, suppl. 0, v. 81, novembro de 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>>. Acesso em: 30 de outubro de 2009.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: a pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

ORTEGA, F. Da ascese à bioascese do corpo submetido à submissão do corpo. In RAGO, F; ORLANDI, L.B.L e VEIGA-NETO, A. (org). **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias Nietzscheanas. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

STENZEL, L. M. **Obesidade**: o peso da exclusão. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

TAPIA, J. A.; FITA, E. C. **A motivação em sala de aula**: o que é, como se faz. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

TRINDADE, A. L. Do corpo da carência ao corpo da potência: desafios da docência. In GARCIA, L. G (org) **O corpo que fala dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

Keyte Matos

Rua Professor José de Alencar Cardoso, nº 498.

São Cristóvão/SE, Centro.

CEP: 49100-000.

e-mail: keytematos@yahoo.com.br

Grupo de Trabalho Temático (GTT): Corpo e Cultura.